

Reflexões teórico-práticas sobre vivências na pesquisa e no ensino de base funcionalista

Theoretical and practical reflections on experiences in functionalist-based research and teaching

Medianeira Souza ¹
Aldeir Gomes da Silva ²
Estela Carielli de Castro ³
Mar Silva ⁴

RESUMO

Este artigo é resultado de reflexões teóricas e práticas propostas na disciplina de Seminários em Linguística II, do programa de Pós-Graduação em Letras. Como todos os discentes pesquisam com base na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a professora propôs dividir a disciplina em duas partes: na primeira, os discentes responderiam quatro perguntas teórico-reflexivas sobre seus percursos acadêmicos, profissionais e pessoais, relacionando-as com o funcionalismo e, na segunda, os preceitos teóricos foram aplicados em conjunto de dados e categorias analíticas escolhidos pelos discentes. Esse momento de diálogo e prática resultou na construção de um espaço de aprofundamento, imersão e de execução. Em suas apresentações das respostas às questões, os pesquisadores ressaltaram o poder de reflexão, de tomada de consciência, de retroalimentação de seu fazer e agir, seja na docência de cada um ou em sua área de atuação, seja na sua trajetória como pesquisador em formação, evidenciando o sucesso dessa empreitada ousada proposta na disciplina.

Palavras-chave: Relato de experiência. Linguística Sistêmico-Funcional. Pesquisa e ensino.

ABSTRACT

This article is the result of theoretical and practical reflections proposed during the discipline Seminários em Linguística II from Graduate degree in Literature. As all students research were based on Systemic Functional Linguistics (SFL), the professor proposed splitting the discipline in two major parts: first, students would respond four theoretical-reflexive questions about their academic, professional and personal journey, relating them to functionalism; second, theoretical approach were applied to data and analytical categories chosen by the students. Such moment of debates and practices was able to establish a space of deepening, immersion and execution. During the presentations, researchers emphasized the importance of reflection, becoming aware, feedback regarding their actions, whether during own teaching process or in their journey as scholar in formation, highlighting the success of such task throughout the discipline.

Keywords: Experience report. Systemic Functional Linguistics. Research and teaching.

¹ Docente da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0350-156X>. E-mail: medianeirasouza@yahoo.com.br.

² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2455-7626>. E-mail: aldeirgomes@gmail.com.

³ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista CAPES. Recife/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5064-1795>. E-mail: estela.castro@ufpe.br.

⁴ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife/PE, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3463-5034>. E-mail: ma.silva@educacao.fortaleza.ce.gov.br.

1 PALAVRAS INICIAIS

Entre as disciplinas ministradas na Pós-Graduação em Letras⁵ da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ocupei-me da disciplina Seminários em Linguística II, com 30 horas-aula, cujo grupo de discentes era formado por meus orientandos, um de mestrado e dois de doutorado. Essa configuração me permitiu idealizar, planejar e lhes apresentar uma proposta de curso na qual o objetivo central seria a realização de uma reflexão sobre a teoria e a prática de suas pesquisas a partir de quatro questões, seguida da aplicação de categorias de análise distintas de sua investigação, aplicadas em um conjunto de dados também distintos dos constitutivos de suas pesquisas.

O grupo da disciplina foi formado por Aldeir Gomes, Doutorando em Linguística, que pesquisa as mensagens de adeus à luz do Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF); Estela Carielli, Doutoranda em Linguística, que pesquisa o uso do *layout* para a construção dos sentidos dos webquadrinhos, com base na multimodalidade; Mar Silva, Mestra em Letras, cuja pesquisa, atualmente finalizada e publicada no repositório da UFPE, aborda a representação das crenças em torno dos homens que atuam como professores na Educação Infantil, à luz do Sistema de Transitividade, também da LSF; e, por fim, Medianeira Souza, docente e pesquisadora da UFPE, cujos estudos são de base sistêmico-funcional.

Sendo todos nós integrantes de um grupo que pesquisa a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) no Brasil, e, portanto, adeptos dos estudos funcionalistas, seja nessa versão, seja na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) ou seja em uma interface com ela, as reflexões se guiaram, pois, nesse recorte teórico. As quatro questões foram apresentadas e discutidas no encontro inicial do curso para a construção das respostas individuais dos integrantes e, em cada encontro subsequente, cada uma delas era apresentada e coletivamente discutida.

O objetivo dessa proposta foi motivar uma imersão no conhecimento teórico já existente em cada um a partir de pesquisas anteriores (TCC e dissertações) e sua relação com as atividades profissionais desempenhadas, bem como com suas pesquisas em construção, como forma de confrontar-se a si próprio como sujeitos pesquisadores, no passado, no presente e no futuro nessa corrente de estudos da linguagem. Dessa forma, as questões apresentadas foram:

1. Por que sou e sigo sendo funcionalista? 2. Como o funcionalismo aprimorou/aprimora minha prática docente/pesquisas/relação com a língua e seus usuários? 3. Que diálogos estabeleço ou compreendo que posso estabelecer com o funcionalismo que estudo? 4. Que contribuição você considera que sua pesquisa funcionalista terá: para o próprio funcionalismo, para a linguística e para a sociedade? Comente cada um desses aspectos.

Essas questões constituíram as rotas a serem percorridas para a efervescência desse refletir, desse confrontar-se, cujo trajeto constitui esse relato, o qual apresentamos dividido

⁵ O programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE surge em 1975 com um curso de especialização, tendo sido reconhecida pela CAPES em 1980, e, na década de 1990, os cursos de Doutorado em Linguística e em Literatura tiveram seu início. Atualmente, em seu quadro, há 3 linhas de pesquisa em Linguística (Descrição e análise estrutural e histórica de línguas, Estudos textuais e discursivos das práticas sociais e Análise de práticas de linguagem no campo da educação em línguas e literaturas) e 3 linhas em Estudos Literários (Estética, crítica e historiografias literárias, Comparatismo e diálogos interdisciplinares e Perspectivas culturais, pós-coloniais e decoloniais).

em três partes: a primeira tem como conteúdo a reflexão proposta por meio das questões⁶; a segunda, contempla aspectos teórico envolvidos na microanálise realizada por cada um; por fim, a terceira e última parte, apresenta uma amostra dessas análises. Fecham o relato algumas observações de caráter conclusivo a respeito das experiências compartilhadas ao longo da disciplina.

2 PARTE I: O ENTRELUGAR DO REFLETIR

Traçada a rota, começamos a trilha com o objetivo de refletir sobre: (i) nossas escolhas pela LSF; (ii) a contribuição dessa abordagem em nossas formações acadêmicas e profissionais; (iii) os diálogos com outras teorias e (iv) as possíveis contribuições de nossas pesquisas numa agenda funcionalista.

Tais ponderações sobre esses questionamentos serão apresentadas a seguir, tendo como início as pontuações do indivíduo A (Aldeir). Este ressalta, em suas palavras, a possibilidade de escolha, e não apenas isso, mas também as implicações das escolhas que fazemos enquanto falantes. Esse olhar reverbera em uma prática que defende o funcionalismo como uma forma de auxiliar a sociedade a tomar posicionamentos, a fazer escolhas conscientes e, conseqüentemente, reverbera na defesa de um ensino que priorize a função, o uso da língua.

Com a pesquisa de doutorado em andamento, Aldeir se debruça sobre as mensagens de adeus, ou seja, cartas de despedida deixadas por pessoas que cometeram suicídio. Por esse ser um tema sensível, é que uma das contribuições destacadas é justamente a importância de se falar sobre o tema, que, por vezes, não é abordado de uma maneira que contemple a sua complexidade. Portanto, o pesquisador afirma que *falar sobre o suicídio num trabalho de linguística é, acima de tudo, uma forma de buscar meios para o combate a esse problema social.*

Ao refletir sobre ser funcionalista, questão um, ele afirma: *primeiramente, convém ressaltar que o funcionalismo leva em consideração, para além das estruturas gramaticais, o viés social e contextual dos usos linguísticos. E é justamente nesse ponto em que reside minha ligação conceitual, filosófica e emocional com o funcionalismo, mais especificamente com a LSF.*

Ser analista sistêmico-funcional, para mim, implica afirmar que concebo a língua como um closet infinito. Nessa construção, cada peça de roupa equivale a uma combinação de escolhas linguísticas que o usuário – grande fashionista da língua – tem à disposição para as mais variadas ocasiões: quente, frio, formal, informal, festa ou até mesmo para ficar em casa. Cada item carrega consigo uma ideologia, um pensamento, um conceito, uma paleta de cores, um material. E, por trás de tudo isso, sempre há uma pessoa (ou um conjunto de pessoas) que representa interesses maiores. Desse modo, usar uma roupa, seja ela qual for, é sempre um ato político e deve, sempre, ser uma escolha.

De igual maneira, as estruturas léxico-gramaticais que usamos são escolhas e estão impregnadas de ideologias, de posicionamento, de política. Defendo a capacidade de todos poderem usar conscientemente suas escolhas linguísticas, bem como de todos usarem as roupas que julgarem mais adequadas. Sou funcionalista porque aprendi que

⁶ As respostas para essas quatro questões irão aparecer no texto marcadas em itálico, pois estes são relatos pessoais e, portanto, foi decidido que ficariam na primeira pessoa do singular.

nossa principal arma é a palavra; se esse direito de escolha nos for, em algum momento, tomado, será como se estivéssemos nus.

Em relação à reflexão da segunda questão, cujo foco é a influência do funcionalismo na prática docente, na pesquisa e na relação com os usuários, Aldeir observa que o ensino de Língua Portuguesa/Literatura está, sobretudo, condicionado, ainda, à memorização de regras, datas, períodos etc. Nossa educação defasada, associada aos precários incentivos governamentais, pouco estimula a autonomia e o pensamento crítico dos jovens.

Nesse assombroso panorama, eu, enquanto funcionalista, acreditando que a chave para o real ensino da língua reside nas funções efetivas nos atos de fala e de escrita, busco sempre enfatizar que o real objetivo da existência de tantos elementos morfológicos, sintáticos e todo o resto é facilitar a interação.

Assim, o funcionalismo me faz inserir em minhas aulas elementos por muitas vezes desconsiderados, como a localização geopolítica do locutor e dos interlocutores de determinado texto a ser analisado.

Por sua vez, da questão 3, que enfoca os diálogos que podem ser estabelecidos pelo pesquisador e o funcionalismo estudado, ele ressalta que se sabendo que a LSF é uma abordagem de estudo da língua baseada no conceito de função, uma vez que se considera a gramática como usada para produzir significados, é possível estabelecer uma cadeia de ligações de proximidades teóricas com outros campos de estudo. Um desses campos é a abordagem proposta pelas Análises do Discurso, mais especificamente a Análise do Discurso de base francesa.

A "Disciplina da Interpretação", como era chamada na década de 1960, quando surgiu, abriu um campo de questões no interior da própria linguística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes em voga na época. Nessa vertente, a noção de memória discursiva, defendida pela AD, diz respeito às formas significantes que levam uma sociedade a interpretar-se e a compreender-se através dessa interpretação. Sujeito, memória, identidade e sociedade são, pois, conceitos intrínsecos que evidenciam que o contexto de concepção e recepção de um texto é tão relevante em sua análise quanto os elementos léxico-gramaticais que o compõem.

De forma análoga, a LSF considera que todo texto somente é texto com base em dois contextos, um dentro do outro: situação e cultura. Uma análise textual para a LSF, da mesma forma que na AD, considera os elementos intra e extratextuais que estão a serviço de uma sociedade. Nossas escolhas linguísticas refletem nossa ideologia nas duas vertentes e esse é um diálogo importante estabelecido entre ambas.

Nesse sentido, penso que as duas vertentes teóricas são complementares e que, no eixo de análise, a LSF apresenta conceitos e sistemas mais complexos e pode desempenhar análises mais profundas de fenômenos da interação social. Ainda assim, defendo que as duas correntes devam andar de mãos dadas porque elas se posicionam no lado oposto ao chamado "polo formalista".

Já para tratar do quarto questionamento, que versa sobre as contribuições futuras de sua investigação para o funcionalismo em si, para a linguística e para a sociedade, o indivíduo em apreço pondera que: (i) para o próprio funcionalismo, penso que meu trabalho tem sua parcela de relevância dentro dos estudos funcionalistas. Essa relevância está associada aos diálogos que eu estabeleço com outras áreas dentro da linguística –

como a *Análise do Discurso* e a *Linguística Histórica* – e fora da linguística também. Meu trabalho mantém pontos de conexão com pesquisas dentro da História, da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia, da Psiquiatria e de outros estudos da saúde mental, além de buscar fontes geográficas e estatísticas. Essa diversidade de diálogos traz outros pontos de vista ao funcionalismo e estabelece diálogos relevantes que podem e devem ser mantidos em estudos futuros dentro da área. E (ii) para a Linguística e para a sociedade, enquanto área do conhecimento, acredito que a grande contribuição do meu trabalho para a Linguística é promover a análise de textos que são comprovações de um ato socialmente reprovado. O ato suicida, historicamente associado à doença mental, é discutido a várias décadas nas áreas da saúde, da história, da sociologia e da antropologia. As mensagens de adeus, nesses contextos específicos, servem de apoio para as discussões propostas pelos pesquisadores das áreas mencionadas. Dentro do campo das ciências da linguagem, essa discussão ainda é incipiente.

Faz-se necessário e urgente trazer à tona essa discussão para o seio dos estudos da linguística. Estamos tratando de um tema delicado, complexo e, por muitas vezes, ignorado. A ampliação da discussão a respeito desse assunto em outros círculos acadêmicos, para além dos ambientes ligados às áreas de saúde, diversifica, conseqüentemente, os pontos de vista sobre ele. Falar sobre o suicídio num trabalho de linguística é, acima de tudo, uma forma de buscar meios para o combate a esse problema social que ainda é tido como tabu, haja vista os arraigados estigmas sociais que o circundam. A contribuição social da minha pesquisa reside nessa delicada relação entre língua, cultura e sociedade, pois ao trazer à tona os últimos pensamentos registrados por um suicida, estamos chamando atenção da sociedade para essa problemática.

Já o indivíduo B (Estela) tem o funcionalismo como base para o desenvolvimento de sua pesquisa, já que seu aporte teórico é a multimodalidade, uma das interfaces e derivações da LSF. Isso repercute em suas respostas, ressaltando a importância de se olhar também para o não verbal da língua, algo que se tornou possível ao se deparar com a perspectiva hallidayana da língua(gem) como potencial semiótico.

Outras contribuições funcionalistas que ampliaram o olhar dela foram destacadas, tais como: a relação da língua com a sociedade e a importância de se olhar para os aspectos sociais, históricos e ideológicos da língua. Isso acaba por reverberar nas contribuições que acredita que sua tese trará, principalmente a do ensino de uma leitura mais crítica, mais consciente, não só dos aspectos verbais, mas também dos não verbais, como será visto a seguir em suas respostas.

Ao conteúdo da questão 1, porque ser/seguir sendo funcionalista, a autora afirma que ao refletir sobre isso, me vêm duas questões de imediato à cabeça: a primeira é que a língua é social, e a segunda, que o uso da língua pelos falantes em determinados contextos é algo priorizado pelo funcionalismo, o que faz com que, nós, funcionalistas, nos voltemos para o porquê e o como. Essas duas questões são importantes para mim tanto por uma perspectiva pessoal quanto pela profissional. Primeiro, pelo meu entendimento de que a língua e sociedade estão em relação, por isso, acredito que é importante observar como os falantes fazem uso da língua, levando sempre em consideração aspectos históricos, ideológicos e culturais. Além disso, por uma questão de curiosidade em entender como os falantes fazem uso das linguagens, buscando entendê-los.

Outro ponto que me levou (e me leva) a seguir sendo funcionalista é pela perspectiva hallidayana apontar a linguagem como semiótica. Inclusive, fiz o caminho

contrário: fui primeiro uma semiótica social para depois, à medida que fui me aprofundando na teoria multimodal, entender que sou também funcionalista. A partir do interesse em estudar as diferentes linguagens é que fui buscar, na linguística, as teorias que abarcavam esses aspectos, e a teoria multimodal é a que me conquistou, principalmente por ela não trabalhar com uma primazia do verbal, da imagem e de outros modos, mas sim traçando uma inter-relação entre eles para construção dos sentidos.

Refletindo sobre a segunda questão, cujo foco é a influência do funcionalismo na prática docente, na pesquisa e na relação com os usuários, ela assegura que é importante destacar que a abordagem funcionalista representa os pés que me fazem caminhar nessa jornada acadêmica por ser a base para o desenvolvimento do meu trabalho, já que as concepções de língua, as metafunções hallidayanas e a relação com a semiótica são aspectos essenciais para as teorias multimodais que norteiam minha pesquisa. Estou em constante diálogo com o funcionalismo.

Por sua vez, a questão 3 enfocando os diálogos que podem ser estabelecidos pelo pesquisador e o funcionalismo estudado, Estela afirma que no entendimento da minha perspectiva sobre o funcionalismo, a língua e a relação com seus usuários, acredito que o funcionalismo, ainda na graduação, foi uma das teorias que mais me fez enxergar a língua para além da gramática normativa, desconstruindo a ideia que eu tinha adquirido no colégio de que a língua era homogênea e rígida.

O diálogo primeiro (e mais óbvio) é com a Gramática do Design Visual (GDV), pois as noções de contexto, língua, texto e as metafunções são conceitos-base para o desenvolvimento da minha pesquisa. Para além da GDV, há um diálogo com as teorias de comunicação e do design, pois meu recorte é o estudo dos quadrinhos. Por fim, acredito que uma possibilidade de diálogo futura é com a Análise Crítica do Discurso, que poderia auxiliar a trazer as questões ideológicas e de poder de forma mais proeminente na minha tese.

Por fim, sobre as contribuições que a pesquisa trará para o próprio funcionalismo, para a linguística e para a sociedade, Estela tece primeiramente algumas breves reflexões. Van Leeuwen (Fidelix Nunes; Van Leeuwen; Bezerra Leitão, 2022), em uma entrevista recente, afirmou que os recursos semióticos são moldados por empresas poderosas. Ao estudar os webquadrinhos, percebo que uma de suas características fundamentais é trazer uma certa independência, para os quadrinistas, da indústria que domina o mercado dos quadrinhos, o que traz uma diversidade de temas e de criatividade e, conseqüentemente, isso reverbera na forma que os quadrinistas utilizam os recursos semióticos disponíveis. Nesse sentido, acredito que minha pesquisa pode contribuir para o próprio funcionalismo ao refletir sobre como esses recursos estão sendo utilizados em um contexto complexo de globalização, mas de uma "revolta" para com o mercado, que traz novos usos utilizados por essas tecnologias, pensando como isso afeta os interesses desses produtores.

Já para a linguística e para a sociedade, creio que as contribuições se assemelham, já que defendo a importância de se ler aspectos verbais e não verbais de maneira integrada. Apesar dos avanços em algumas áreas para esse campo, ainda vejo que imagens, aspectos tipográficos, cores, entre outros modos, ainda recaem em um lugar secundário quando pensamos em leitores; e, por outro lado, designers, jornalistas, artistas e outros produtores muitas vezes produzem considerando esses modos como também detentores do sentido, pois percebem os potenciais de significação que eles carregam.

Sendo assim, acho que uma questão pessoal minha, que tento trazer para meus trabalhos, é a importância de dar ferramentas para que o leitor possa ter consciência na hora de ler os textos multimodais.

O indivíduo C, Mar, formado em Pedagogia, teve seu primeiro contato com o funcionalismo e a LSF ainda na graduação. Posteriormente, ao desenvolver sua pesquisa de mestrado, retorna ao funcionalismo e a LSF, ressaltando a importância do contexto, das escolhas linguísticas e dos usos da língua para o desenvolvimento de sua pesquisa.

A discente também se interessa pela ideia de representação proposta pela LSF, por esta dialogar com o seu trabalho, que aborda a noção de crença, pois sua dissertação tem como tema a representação das crenças sobre homens professores na Educação Infantil. Portanto, uma das contribuições destacadas é a desmistificação dos papéis sociais desempenhados pelos gêneros dentro desse contexto da Educação Infantil, como será apresentado a seguir.

Minhas respostas, como será observado ao longo da leitura, refletem uma convergência entre as experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, circunscritas pelo referencial teórico base da LSF, de modo que todas elas possuem um caráter pessoal e introspectivo, levando em consideração, em diferentes níveis, minha experiência de pessoa humana - que se desdobra no espaço-tempo dos diversos ambientes que ocupo, sejam profissionais e/ou universitários.

À questão 1, sobre ser e seguir sendo funcionalista, assevera: *Não posso deixar de ressaltar o fato de não ser linguista de base, vindo de uma área que, se por ora se circunscribe na Linguística Aplicada, é também muito específica em seu desenho disciplinar. Ainda no curso de Pedagogia, em especial na disciplina de Ensino de Língua Portuguesa, interagi com uma agenda de pesquisa funcionalista, especialmente na perspectiva da pedagogia de gêneros, de Rose e Martin (2012).*

Desde aquele momento, para além das questões específicas sobre gênero textual, percebi que o funcionalismo pensa a gramática das línguas naturais em relação a uma teoria global da interação social, levando em consideração os usos – em especial, as escolhas linguísticas, que são tão caras à sistêmico-funcional. Hoje, não só como linguista, mas especialmente como usuária da língua, o funcionalismo me encanta e convence à medida que opta por uma explicação geral da língua a partir do uso.

Em “As três experiências”, uma das crônicas do livro A descoberta do Mundo, Clarice Lispector (1999) diz que “para escrever o aprendido é a própria vida vivendo em nós e ao redor de nós”, dando à língua a característica de “entidade viva”. Antes de ser linguista funcionalista, sou clariceana, e a isso devo o conhecimento íntimo de que a língua vive em nós e através de nós. Sei, pela literatura de Clarice Lispector, que podemos construir sentidos outros com os usos que fazemos da língua, esta mesma que nos permite ter domínio no e sobre o mundo. Esse, sem dúvidas, é um dos motivos que fazem com que eu siga sendo funcionalista.

Para a questão 2, que trata do vínculo entre funcionalismo, prática de pesquisa e interação da língua e seus usuários, ela destaca que, enquanto usuária da língua portuguesa e pesquisadora funcionalista, o que lhe interessa é uma reflexão sobre esta língua a partir de seu uso, desvelando a realidade social, entendendo-a como um fenômeno complexo que só pode ser compreendido quando pensado dentro de um contexto cultural e situacional, para citar Halliday e Matthiessen (2004).

Como uma boa funcionalista, carrego a curiosidade própria de quem investiga usos linguísticos. Então, quer na academia, ao analisar textos literários, jornalísticos ou de qualquer outra natureza, quer no meio social, usos linguísticos me chamam atenção e despertam a curiosidade reflexiva em entender quais sentidos são construídos a partir de uma escolha linguística ou outra. A meu ver, essa reflexão sempre investigativa é uma garantia de me manter atualizado e em constante formação – quer com leituras, quer com análises. É nesse sentido que o funcionalismo aprimorou/aprimora minha prática de pesquisador.

Respondendo à questão 3, sobre diálogos entre a teoria e o pesquisador, ela ressalta que ao questionar-me sobre isso, surge-me uma lembrança de que minha adoção à *linguística sistêmico-funcional* passa, num primeiro momento, por um vislumbre com a noção de língua como sistema de significados. Fiquei maravilhada ao ler que, tomando a língua como um sistema de significado social, a experiência humana poderia ser explorada e analisada por categorias linguísticas. Ler “Construindo a experiência através do significado” (Halliday; Matthiessen, 2006) foi, então, o que me despertou para a LSF como um referencial teórico-analítico do fazer científico (linguístico e social, a meu ver).

Em sua gramática funcional, Halliday e Matthiessen (2004) discute a possibilidade de criação da realidade por meio da seleção lexical e da organização gramatical que os usuários da língua fazem ao produzirem seus textos. Representação é o termo empregado a este processo. Na sua metafunção ideacional, sobretudo na subfunção experiencial, a língua é mobilizada, especificamente, em sua função de representação.

Diferente de outras vertentes teóricas, na acepção hallidayana, representação não indica mimesis (uma espécie de espelhamento da realidade), mas constituição da realidade por meio dos significados que mobilizamos ao utilizar a língua. Essa é, sem dúvidas, a primeira e principal aproximação que faço com a LSF.

Além disso, e não menos importante, a teoria sistêmico-funcional, além de me proporcionar uma visão específica dos fatores linguísticos no estrato léxico-gramatical, também me permite olhar para fatores extralinguísticos, sobretudo aqueles atrelados ao Contexto de Cultura (explorando o gênero relato) e o Contexto de Situação (explorando o onde, quem e como o texto é produzido). Em síntese, o diálogo que estabeleço com a LSF passa pela assertiva de que, juntos, língua, texto e contexto organizam e desenvolvem a experiência humana (Souza, 2006).

Para a quarta e última questão, a discente observa que, por fim, mas não menos importante, ao pensar sobre a contribuição que minha pesquisa numa agenda funcionalista trará para o próprio funcionalismo, para a linguística e para a sociedade, destaco que ainda pouco investigado, o conceito de representação é pouco discutido em trabalhos de LSF, mesmo aqueles que aplicam as categorias do Sistema de Transitividade na análise de corpus.

Ao trabalhar diretamente com este conceito, proponho um aprofundamento e, de certa forma, uma delimitação teórica-conceitual da noção de representação. Até onde posso visualizar, no horizonte da minha pesquisa está o aprofundamento da discussão sobre representação no quadro de pesquisa da LSF. Essa é, portanto, a contribuição para o funcionalismo que por hora trabalho.

Para a linguística, enquanto disciplina, mas principalmente enquanto ciência, penso contribuir com uma aproximação entre Linguística Aplicada (LA) e LSF. Ainda são poucos os trabalhos que fazem essa interlocução, embora a LSF se configure, desde seu primeiro

desenho, como uma teoria aplicável – isto é, tanto de caráter teórico quanto aplicado (Praxedes Filho, 2014).

No meu caso, em específico, na interface com a discussão sobre crenças em LA, contribuo com a apresentação de um outro referencial teórico-analítico para detecção e análise de crenças. Até então, nos trabalhos sobre crenças em LA, a metodologia de detecção e análise de crenças é pautada numa análise da semântica do discurso. Ao utilizar o Sistema Temático, contemplo também os elementos léxicos-gramaticais que constroem os sentidos de um texto (Furtado da Cunha; Souza, 2011).

Para a sociedade, proponho o desvelamento das concepções dos papéis sociais desempenhados por cada gênero que, como é de conhecimento comum, estão bem definidos e cristalizados. Numa sociedade patriarcal como a nossa, os papéis sociais desempenhados por homens estão relacionados ao lugar de prestígio social e poder que eles ocupam. Pensar em homens que atuam como professores de Educação Infantil é pensar em sujeitos que desmantelam essas designações sociais e ressignificam as concepções já cristalizadas dos papéis sociais que cada gênero desempenha. Parece-me inevitável, em minha pesquisa, não lidar e problematizar o conceito de masculinidade hegemônica (Connell; Messerschmidt, 2013), tendo em vista esta performance outra de masculinidade oriunda da experiência de homens que atuam como professores de Educação Infantil (Silva, 2021).

Como visto, embora Aldeir, Estela e Mar tenham trajetórias acadêmicas, profissionais e pessoais diferentes, é possível observar pontos em comum destacados em suas respostas, que surgem da influência funcionalista em suas pesquisas, tais como: a importância de observar a língua em uso, considerando aspectos históricos, sociológicos, ideológicos e culturais; a possibilidade de escolhas linguísticas dadas a um falante em um determinado contexto; e o desejo de desenvolver uma pesquisa que contribua para a formação de sujeitos críticos, que se manifestam na intenção de colaborar, no caso de Aldeir, para a formação de sujeitos que façam escolhas conscientes, no caso de Estela, para a formação de leitores críticos, e, no caso de Mar, para uma desmistificação dos papéis de gênero na Educação Infantil.

Esse primeiro momento da disciplina foi, principalmente, de reflexão e partilha. Foi ressaltado pelos discentes que, muitas vezes, a trajetória acadêmica nos tira desse lugar de (auto)questionamento sobre o próprio percurso, nos colocando em um caminho de automação do pensar. Perguntas como “por quê? Como? O quê?” foram desestabilizadoras, a princípio, mas importantes para (re)organização do nosso papel enquanto pesquisadores e/ou professores.

3 PARTE II: O ENTRELUGAR DO TEORIZAR

Finda a atividade reflexiva sobre o ser funcionalista e suas relações com sua pesquisa, com a língua, com a sociedade sob o contexto dos estudos funcionalistas, mas especificamente no seio da LSF, a qual acabamos de ter conhecimento pela síntese exposta na primeira parte desse texto, passamos a segunda parte, cujo foco será a aplicação dos princípios teóricos já investigados pelos discentes, todavia, com a diferença de essa aplicação ser efetivada em um conjunto de dados e com categorias analíticas, ambos diversos de suas pesquisas de mestrado e doutorado.

Dessa maneira, temos análises introdutórias com a análise do sistema de transitividade em editoriais, do sistema de tema e rema em tuítes e em um conto de Clarice Lispector, e são, portanto, esses dois sistemas que apresentamos resumidamente a seguir.

3.1 Princípios Sistêmico-Funcionais

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que tem como fundador Michael Halliday, compreende a língua como semiótica e social, o que implica em uma perspectiva da língua como construto social, sendo a língua uma rede de sistemas linguísticos pela qual os falantes podem realizar escolhas dentro dos contextos sociais aos quais estão inseridos.

A língua é, na perspectiva hallidayana, também semiótica, pois os falantes/produtores utilizam diversos sistemas semióticos para significar. Desse modo, ao enxergar a língua nessa perspectiva sociosemiótica, tem-se a “por base a tese de que os significados se estabelecem por meio da interrelação entre sistemas, que se intercomplementam e projetam tais sentidos, numa espécie de modelo estratificado da língua” (Souza; Mendes, 2019, p. 605).

Assim, a LSF concebe a linguagem como um instrumento para a criação de significados, em que a língua é composta por sistemas desses significados. Nessa visão, a língua deixa de ser vista como um fenômeno isolado, regido por regras, e passa a ser considerada como um sistema de produção de significados por meio de escolhas, funcionando como um sistema semiótico, um recurso para a construção de sentido em contextos sociais. Segundo a LSF, a linguagem é um sistema semiótico porque representa *um conjunto de escolhas convencionalizadas, carregadas de valores sociais*.

Dessa maneira, a LSF procura fornecer ao analista, tanto na teoria quanto na prática, ferramentas descritivas que permitam a divisão do texto em estruturas discursivas e léxico-gramaticais manipuláveis. A expressão léxico-gramatical de nossas escolhas revela o ponto de convergência entre a língua enquanto sistema e a língua enquanto prática. Nesse contexto, a característica fundamental da LSF é a concepção da linguagem como uma semiótica social, que oferece uma ampla perspectiva teórica e metodológica para compreender a noção de texto para além dos aspectos formais e sintáticos.

As escolhas realizadas por um falante em um determinado contexto têm potencial de se realizar na gramática. Esse *sistema de opções*, isto é, a gramática, se realiza em três *metafunções*: *ideacional*, responsável pela interpretação e representação da experiência dos sujeitos no mundo; *interpessoal*, responsável pela interação entre falantes e ouvintes; e, por fim, a *textual*, responsável por interligar a linguagem e as características da situação de interação, organizando as *metafunções ideacional e interpessoal*.

Juntas, as três metafunções fornecem um arcabouço para a análise da linguagem em contexto, possibilitando uma compreensão mais aprofundada de como a linguagem é empregada para construir significado e atingir diferentes objetivos em diversas situações comunicativas.

A seguir, serão dados mais detalhes sobre as *metafunções ideacional e textual*, já que estas é que foram as escolhidas para serem exploradas nas análises propostas.

3.2 Metafunção ideacional e o sistema de transitividade

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004, p. 29), utilizamos a linguagem para significar nossas experiências e representar as relações, por isso, ela é a responsável por construir a realidade social. Dessa maneira, a *metafunção ideacional* é a responsável pelas representações das ideias e da experiência humana, sendo essas vivências as ações relacionadas ao fazer, sentir, ser, ter e comportar-se.

Por meio do sistema de transitividade, é possível observar como a realidade está sendo representada a partir das ações e atividades expressas no discurso, já que a transitividade é a materialização dos atos em processos, isto é, os sintagmas verbais. Seis são os processos do sistema de transitividade: 1) **materiais**, nos quais os participantes fazem algo; 2) **mentais**, que dizem respeito à apreciação humana; 3) **relacionais**, que relacionam participantes, identificando-os ou classificando-os; 4) **verbais**, que englobam o dizer, a comunicação; 5) **existenciais**, representam existências e acontecimentos; e, por fim, 6) **comportamentais**, que envolvem atividades psicológicas e verbais referentes aos comportamentos humanos (Furtado da Cunha; Souza, 2011).

Além dos processos, para o sistema de transitividade são importantes também os *participantes* e as *circunstâncias*. De acordo com Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 68): “Essa identificação [das ações humanas expressas no discurso] se dá através dos principais papéis de transitividade: *processos, participantes e circunstâncias*, que permitem analisar *quem faz o quê, a quem e em que circunstâncias*. Desse modo, os processos constituem-se dos sintagmas verbais, os participantes dos sintagmas nominais e as circunstâncias dos sintagmas adverbiais e alguns nominais. Para o desenvolvimento deste artigo, nossas análises têm como foco os processos.

3.3 Metafunção textual e o sistema de estrutura temática

Halliday (1994), ao defender que os elementos básicos para a construção de significados através da linguagem são funcionais, estabelece três *metafunções* que são a base do seu pensamento linguístico. São elas a *ideacional*, a *interpessoal* e a *textual*. Aqui, nos interessa mencionar o funcionamento da *metafunção textual*, que é tida por Halliday e Matthiessen (2004) como instrumental para as outras duas *metafunções*.

A *metafunção textual* concebe a oração como mensagem e se encarrega da organização do texto por meio do sistema temático. De acordo com Santos (2014), essa *metafunção* se relaciona ao significado textual, realizado por decisões que o falante toma em relação à distribuição da informação. Isso equivale a afirmar que, na concepção sistêmico-funcional da oração, o enunciador pode, ou não, optar por articular o tema às informações já dadas ou às novas informações.

Para Halliday (1994), nessa *metafunção*, o significado cria relevância para o contexto. A oração é tomada como unidade, na qual os significados são combinados e estruturados segundo os parâmetros de *Tema/Rema*. O *tema*, portanto, é o ponto de partida da mensagem, sendo, por esse motivo, o primeiro elemento experiencial dela. Nessa conjuntura, todo o restante da oração equivale ao *rema*.

De acordo com Sippert (2018), Halliday somente considera o *tema experiencial* ou *ideacional* como tema tópico, que ele é o primeiro elemento experiencial (participante, processo ou circunstância) no começo da oração (Fuzer; Cabral, 2014). Sippert (2018, p.

3) pontua que “a escolha temática pode refletir a diversidade de recursos que o escritor tem à sua disposição”. Dessa forma, se alterarmos um desses elementos de posição, também alteraremos o *tema* da oração, uma vez que mudaremos o efeito de sentido da mensagem, trocando o ponto de partida.

Ventura e Lima-Lopes (2002) explicam que o *tema não marcado* – o mais usual em nossa língua – é o que exerce a função de sujeito numa oração declarativa nos casos em que é mantida a ordem tradicional dos termos. Já o *tema marcado* – alternativa não usual, atípica – ocorre quando ele não corresponde ao sujeito da oração. Ele recebe esse nome porque tem maior proeminência textual, sinalizando a escolha do autor em construir um significado atípico.

Acreditamos que os fundamentos teóricos supramencionados são suficientes, nos limites deste texto, para situar e propiciar um conhecimento básico capaz de facilitar ou subsidiar o entendimento das análises que se demonstram na sequência.

4 PARTE III: O ENTRELUGAR DO PRATICAR

Em um segundo momento, a proposta foi que os discentes escolhessem algum texto para realização de uma breve análise com base, preferencialmente, na LSF; em suma, o objetivo era exercitar, mover-se pela esfera analítica se servindo de outras categorias, de outros dados.

Aldeir escolheu o sistema de Tema-Rema, da *metafunção textual*, para analisar alguns tuítes das candidatas Raquel Lyra e Marília Arraes para governadora de Pernambuco, no segundo turno das eleições de 2022. Já Estela escolheu analisar o editorial publicado no *Jornal nacional* quando o Brasil atingiu a marca de 500mil mortos por Covid-19 em 2021, tendo escolhido o sistema de transitividade da *metafunção ideacional*. Por fim, Mar realizou uma análise do conto “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector, também fazendo uso o sistema de Tema-Rema, da *metafunção textual*.

4.1 Tema-Rema nos tuítes das candidatas ao governo de Pernambuco em 2022

O objetivo do exercício analítico é identificar temas marcados na relação Tema-Rema em postagens no Twitter, que, atualmente, é a rede social X, das candidatas Raquel Lyra e Marília Arraes durante o segundo turno das eleições de 2022 para o Governo de Pernambuco. Foram coletadas seis postagens no Twitter, escritas em outubro, com a intenção de seguir a campanha das candidatas no segundo turno, realizado no dia 30 de outubro. A análise se concentra em orações que não seguem uma estrutura tradicional de posição temática, buscando entender os motivos para tal configuração. Essa estrutura temática não convencional foi mais facilmente encontrada nas postagens da candidata Marília Arraes.

Os tuítes foram analisados à luz do Sistema de Tema e Rema, identificando as possíveis razões para a escolha dessa formação temática com base na ideologia defendida por cada candidato e nos principais acontecimentos que eram relevantes para suas campanhas. A análise se concentrou apenas na primeira oração de cada texto, pois, nos casos analisados, apenas essas orações apresentaram tema marcado.

Quadro 1: Tuítes das candidatas Marília Arraes e Raquel Lyra

| Marília Arraes | | |
|----------------|--|---|
| | Tema | Rema |
| Texto 1 | Acordar e dormir com fome | Ninguém merece essa realidade! |
| Texto 2 | Sobreviver sem água | não dá! |
| Texto 3 | É uma honra | Receber os professores da rede municipal de Caruaru |
| Raquel Lyra | | |
| | Tema | Rema |
| Texto 4 | <i>Como governadora, vou poder avançar e cuidar</i> | muito mais de lá e tantos outros lugares esquecidos pelo poder público. |
| Texto 5 | Nas creches de Caruaru | A gente serve 5 refeições por dia |
| Texto 6 | <i>Lamentável no momento mais crucial de Pernambuco,</i> | A candidata Marília inventar fake News como sai caldo de cana. |

Fonte: elaboração própria

De acordo com Ventura e Lima-Lopes (2002), o *tema* é o ponto de partida da mensagem e se estende até o final do primeiro elemento experiencial – participante (entidades que promovem a ação ou são submetidas a ela), processo (verbo ou ação que indica a atividade, a ação ou o estado descrito na oração) ou circunstância (informações adicionais sobre o tempo, lugar, modo, causa, finalidade etc., que modificam ou complementam o processo). No caso dos textos citados, todos com *tema marcado*, é nítido que o *tema* não equivale ao participante, sendo a língua portuguesa do padrão SVO. No caso do Texto 1, por exemplo, o *tema* (Acordar e dormir com fome) é *marcado* porque não corresponde ao sujeito da gramática tradicional. Toda a oração, aqui, é elevada à categoria de *tema* com o intuito de dar ênfase a um problema – ou, nas palavras da autora, “uma realidade” – social do Estado de Pernambuco que a candidata em questão promete erradicar. É sabido que faz parte, recorrentemente, do discurso político-eleitoral, salientar as mazelas da sociedade como estratégia de chamar atenção do interlocutor.

Já no Texto 2, foi observada a mesmíssima estrutura sintática, bem como os mesmos parâmetros de *tema* e a mesma estratégia discursiva. Mais uma vez, é atraído o foco da mensagem para um problema (a falta d'água). Sobreviver, sendo o primeiro elemento referencial, indica um tema experiencial. O grande diferencial, no caso, é que houve a inversão da ordem desses elementos, alterando-se o efeito semântico da oração.

O Texto 3 contém um *tema interpessoal*, representado por uma oração mental. Costa (2015, p. 122) afirma que “os participantes das orações mentais são tipicamente humanos ou coletivos humanos, os quais sentem, pensam, percebem e desejam”. Dessa forma, a função léxico-gramatical que desempenham na oração recebe o nome de *experienciador* (Fuzer; Cabral, 2014). Já o que é pensado, desejado, percebido e sentido é denominado *fenômeno*, realizado gramaticalmente por grupos nominais, grupos verbais ou orações inteiras. Foi classificada a primeira oração do Texto 3 como mental porque ela revela a percepção da candidata em relação ao evento relatado, o que ganha maior relevância porque Caruaru é o município do agreste pernambucano onde Raquel Lyra, candidata rival, foi prefeita por dois mandatos. O detalhe, então, merece destaque na publicação.

Conforme informado anteriormente, os casos de *temas marcados* nas postagens no Twitter de Raquel Lyra são mais escassos. Nos tuítes encontrados, a exemplo do Texto 4, foi observado que a marcação do *tema* ocorre com a finalidade de salientar uma circunstância da oração. No exemplo em questão, o tema é múltiplo, pois há a presença de dois temas, sendo um deles o *ideacional*. A parte em itálico no *tema* do Texto 4 é

interpessoal, caracterizada por uma metáfora gramatical. A segunda parte do tema é *experiential* e corresponde ao processo.

A oração componente do Texto 5 insere-se nos casos de orações com *tema ideacional marcado*. O tema é *ideacional* porque corresponde a um elemento em primeiro plano na construção oracional – circunstância. Um possível motivo para escolha do autor (ou dos autores) pela marcação do tema é estabelecer uma comparação entre o sistema de alimentação escolar da prefeitura de Caruaru e o sistema de educação estadual, que segundo a pleiteante, fornece menor quantidade de alimentação aos alunos. A estratégia de alteração temática, então, funciona como uma espécie de promessa de campanha.

A última oração coletada também se insere no contexto do *tema múltiplo*. A parte em itálico da oração é um *tema interpessoal*, que corresponde a um adjunto modal da oração que serve como *tema*. Já a parte restante do *tema* é *experiential* e corresponde à circunstância da ação indicada pelo processo.

Infere-se, portanto, que a marcação do *tema* nos tuítes das campanhas de ambas as candidatas segue uma ordem lógica para enfatizar um conceito estratégico. Logo, é inviável afirmar que essa escolha seja aleatória. Optar por alterar a ordem composicional tradicional do tema é um recurso que facilita a identificação da ideia central trazida por cada mensagem que, não por coincidência, corresponde aos principais pontos levantados na disputa eleitoral entre as duas candidatas.

O texto, para Halliday e Matthiessen (2014), é toda a instância linguística, que faz sentido para alguém que conhece a língua, pois quando uma pessoa fala ou escreve, automaticamente, ela produz textos. Considerando o texto como objeto de reflexão, reconhecemos que a relação *Tema/Rema* faz parte das relações das *metafunções* na elaboração de postagens no Twitter por meio de recursos linguísticos e semânticos que favoreçam o rápido entendimento das mensagens por parte do público-alvo, que geralmente é composto por apoiadores das respectivas candidatas. Nesse sentido, a marcação do *tema* simboliza uma escolha consciente sobre qual parte da mensagem é dotada de maior capacidade de causar impacto, o que foi possível observar nas análises dos tuítes das candidatas ao governo de Pernambuco das eleições de 2022.

4.2 Os tipos de processos usados no editorial do *Jornal Nacional* sobre as 500 mil mortes por covid-19 no Brasil

A categoria de análise escolhida foi a *metafunção ideacional*, que diz respeito à representação das ideias e da experiência humana. Por meio do sistema de transitividade, foi possível observar os processos, que podem ser materiais, mentais, relacionais, verbais, existenciais ou comportamentais. O texto escolhido para análise foi o editorial do *Jornal Nacional* lançado no momento de registro de 500mil mortes por covid-19 no Brasil. A escolha desse texto ocorreu devido ao momento histórico, já que esse foi um marco na pandemia brasileira, com o intuito de observar a posição do jornal. Por isso, o gênero editorial é uma escolha pertinente, é um gênero no qual o jornal emite um posicionamento ou opinião a respeito de algum tema atual.

Uma hipótese seria de uma presença marcante de processos mentais, já que dizem respeito à apreciação humana, e materiais, por indicarem ações relacionadas aos fatos e

eventos comentados pela equipe do jornal, mas não foi observado nenhum processo mental nesse editorial.

Além disso, chamou atenção a grande presença de processos relacionais, que parecem ter em comum a ênfase na indignação em relação às mortes, como é possível observar em: o sentimento **é** de horror e **são** 500 mil mortes. É provável que, diante de tantas mortes, que afetaram tantas pessoas, inclusive pessoas do jornal, isso acabou proporcionando um número maior de processos relacionais.

Quadro 2: Outros exemplos de processos relacionais presentes no texto

| | |
|--|-----------------------------------|
| Parecia que o país tinha superado um limite inalcançável, 100 mil mortos. | Processo relacional atributivo |
| São 500 mil [mortos] | Processo relacional identificador |
| São milhões de cidadãos enlutados | Processo relacional identificador |

Fonte: elaboração própria

Em relação aos processos materiais, observou-se a recorrência da equipe da Globo como ator da ação, como é possível observar em um dos parágrafos finais (**Nós, do jornalismo da Globo, estamos [...] cumprindo** nosso dever de informar; **Nós pagamos** o preço por isso; **O jornalismo da globo continuará** a seguir), o que denota que a instituição buscou enfatizar as suas ações para com o povo brasileiro diante das mortes, o que eles fizeram ou tentaram fazer diante do descaso do governo.

Quadro 3: Outros exemplos de processos materiais presentes no texto

| |
|---|
| O Brasil ultrapassou o registro escandaloso de 100 mil mortes pela Covid |
| No editorial que marcou as 100 mil mortes |
| Nós [do jornal da Globo] sequiremos em frente |

Fonte: elaboração própria

Os processos verbais, logo após os relacionais e materiais, são os que aparecem com maior expressividade. Os dizentes também são, geralmente, a própria equipe do Jornal, que insiste em afirmar que não só está se manifestando dessa vez, como vinha se manifestando anteriormente. Então, em alguns momentos, no processo verbal aparece o tom de aviso:

Quadro 4: Exemplos de processos verbais

| |
|---|
| Nós dissemos que esse momento chegaria |
| Nós dissemos que era preciso apurar |

Fonte: elaboração própria

Em relação aos processos comportamentais e existenciais, poucos foram encontrados. Os processos comportamentais incluem não só a equipe do G1, mas também a sociedade como um todo e tecem uma reflexão sobre o papel que temos diante disso tudo e o que ficará de ações que foram feitas a respeito:

Quadro 5: Exemplos de processos comportamentais

| |
|--|
| Quando todos nós olharmos para trás, quando nos perguntarem o que cada um de nós fizemos , cada um terá sua resposta. |
|--|

Fonte: elaboração própria

Já o processo existencial, aparece em dois momentos. Primeiro há a afirmação de que "**Haverá** consequências", o que nos faz questionar de imediato: quais consequências? O jornal, então, dá uma única consequência, que defende ser a mais básica: o

conhecimento sobre como e por que se chegou a tantos mortos. Dada a posição do jornal ao lado da ciência e da “verdade”, entende-se que esse posicionamento evidencia que o jornal irá expor esse conhecimento.

Por fim, os processos existenciais “Há exceções” e “Não há dois lados” (em contraposição ao ditado popular de que tudo tem dois lados) reforçam o posicionamento do jornal de que eles são a exceção que não está nem de um lado nem de outro, mas sim do lado da democracia, dessa maneira, corroborando, mais uma vez, a ideia de que eles irão expor o conhecimento e a verdade por trás do “horror”.

Quadro 6: Exemplos de processos existenciais

| |
|--|
| Desde o início de maio, o Senado está investigando responsabilidades. <u>Haverá</u> consequências. E a mais básica será a de ter levado ao povo brasileiro o conhecimento sobre como e por que se chegou até aqui. |
| Porque tudo tem vários ângulos e todos devem ser sempre acolhidos para discussão. Mas <u>há</u> exceções. Quando estão em perigo coisas tão importantes como o direito à saúde, por exemplo. Ou o direito de viver numa democracia. Em casos assim, não <u>há</u> dois lados. E é esse o norte que o Jornalismo da Globo continuará a seguir |

Fonte: elaboração própria

A linguagem constrói a realidade, e a *metafunção ideacional*, por meio do sistema de transitividade, permite-nos observar as representações das experiências humanas. Assim, realizamos uma análise do editorial sobre as 500mil mortes de covid no jornal da Globo, tendo como hipótese primeira a presença marcante de processos mentais, por se tratar de processos que dizem respeito à apreciação humana, e materiais, por apontarem fatos, algo esperado de um editorial, gênero que evidencia a posição do jornal enquanto instituição.

A partir da análise, foi possível perceber que, em relação à presença de processos materiais, a hipótese se confirmou, trazendo o jornal como ator da ação em vários momentos, o que evidenciou que o jornal não apenas quis se posicionar sobre o ocorrido, mas também mostrar que papel ele teve diante do acontecimento. Já em relação aos processos mentais, não foi possível observar nenhum. Mas houve uma recorrência de processos relacionais que indicaram que o jornal queria manifestar o sentimento de indignação diante do marco de 500mil mortes por covid.

Por último, os processos verbais, comportamentais e existenciais, que foram o que tiveram menos ocorrências, acabam por reforçar o papel que o jornal buscou ter ao longo da pandemia e que ações futuras serão tomadas. Os processos verbais manifestam que o jornal não está se posicionando agora, mas sempre se posicionou contra os ataques à ciência e o descaso com a saúde; os processos comportamentais incluem a sociedade junto ao jornal como *participantes*, tecendo reflexões sobre a participação deles nesses acontecimentos e sobre que ações podem ser tomadas. E, por fim, os processos existenciais evidenciam que o jornal está do lado da democracia.

4.3 A estrutura temática do conto “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector

Metodologicamente, foram feitas algumas escolhas para análise dos dados. Visto a extensão do trabalho e a construção argumentativa, nessa exposição serão apresentados apenas alguns aspectos do texto analisado. O texto é de autoria de Clarice Lispector, um conto de 9 parágrafos, cujo título é “Perdoando Deus”. Na análise do sistema

de Tema e Rema, sob um viés sistêmico-funcional, optou-se por uma análise simples, isto é, foi analisado apenas a partir do estrato léxico-gramatical, sem se ater, por exemplo, a organização do gênero conto.

Ademais, não se debruçou sobre a análise da progressão temática; pois, como citado anteriormente, optou-se por um olhar léxico-gramatical, no nível “ao redor da oração”, levando em consideração a oração como unidade de análise, não sendo a proposta analisar, portanto, o complexo oracional (Halliday; Matthiessen, 2014).

O conto “Perdoando Deus” é um texto todo escrito em primeira pessoa, mas a primeira pessoa do singular (eu) pouco figura na posição inicial das orações do conto – em termos sistêmico-funcionais, dos temas ideacionais identificados, o “eu”, em relação às demais realizações, aparece numa porcentagem ínfima. Para ilustrar, das 113 realizações de temas ideacionais, “eu” só figura como realização 20 vezes. Em especial nas orações de abertura – “Eu ia andando pela Avenida Copacabana” – e fechamento do conto – “Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda” e “Eu, que jamais me habituarei a mim”.

Ainda sobre temas ideacionais, o conto é recheado de circunstâncias ocupando a posição temática, o que pode indicar duas coisas: (1) as condições e ou entorno da ação efetiva que está acontecendo, figurando como pano de fundo da ação e, no caso da estrutura temática, como base do desenvolvimento de uma ideia, isto é, base do rema (Sippert, 2018); (2) a escolha pelo circunstante ocupando a posição temática indica um Tema Marcado – ou seja, uma oração estruturada em ordem indireta, onde o sujeito não ocupa a posição temática –, indica a escolha da autora em dar ênfase às circunstâncias de localização (ainda, pouco a pouco, em menos de um segundo, por exemplo (Fuzer; Cabral, 2014)). É preciso pontuar isso, pois os Temas Marcados são mais recorrentes que os Temas Não Marcados, 50 e 34, respectivamente.

Por último, destaca-se a maior incidência de Temas Múltiplos em relação à Temas Simples: esses, 31, aqueles, 55. A presença de Temas Tópicos – onde o tema realiza uma função da estrutura da transitividade da oração, quer processo, participante ou circunstância – e outros tipos de Temas, como o Textual e/ou o Interpessoal, simboliza a estruturação de um Tema Múltiplo, que se distingue de um Tema Simples (Fuzer; Cabral, 2014).

Em orações como “Mas parece-me que **me sentia satisfeita com o que via**” e “mas quem sabe, **foi porque o mundo também é rato**”, quando os Temas Textuais e Temas Interpessoais precedem o **Temas Experiências**, há o indício de como enquadrar/encaixar o elemento experiencial, servindo de subsídio para a orientação da mensagem sobre a qual o texto trata, visto que é o elemento experiencial que integra a oração no fluxo do discurso (Figueredo, 2011).

Por fim, a análise do conto “Perdoando Deus”, de Clarice Lispector, apresentou uma maior incidência de temas marcados, nos quais os elementos da oração não estão em ordem direta, indicando, assim, maior proeminência textual ao tema (Fuzer; Cabral, 2014). Além disso, observou-se a presença de mais temas múltiplos, de modo que há preferência da autora em enquadrar o elemento experiencial (Sippert, 2018).

Assim, houve maior incidência de temas ideacionais – realizados por pronomes pessoais do caso reto (eu), desinências verbais (como, por exemplo, olhava, terminei, continuei etc.), elipses, anáforas e outros elementos que ocupavam a posição de sujeito da oração (Deus, os ratos) ou mesmo elementos circunstanciais. Os temas textuais foram

os segundos mais recorrentes, sendo realizados por elementos coesivos, como as conjunções, os sequencializadores e/ou os continuativos: e, que, mas, então, pois, porque, se, enquanto. Por último, com menor recorrência, os temas interpessoais, realizados por orações em primeira pessoa – como “parece-me” –, advérbios (possivelmente, illogicamente, assim como) e elementos que também tiveram incidência no texto analisado.

5 CONSIDERAÇÕES DITAS FINAIS

As vivências que constituíram essa disciplina, diferente em tudo do que já havia proposto como conteúdo de curso para a Pós-graduação em Letras, em parte se afinam com uma certa ousadia de final de carreira, em parte se definem pela interação entre a docente e seus discentes. A primeira ousou propor, os segundos ousaram aceitar e, dessa maneira, foi construído um espaço no qual a teoria, a reflexão, bem como a análise dialogaram incessantemente e construíram momentos de aprofundamento, de imersão e de execução.

Os resultados, se assim se podem nomear, as conquistas de nossos propósitos, aqui expostos ainda que de forma sintetizada para nós, evidenciam o sucesso da auspiciosa empreitada, por assim dizer. Tal afirmação se funda no fato de que todos, em suas apresentações das respostas às questões, ressaltaram o poder de reflexão, de tomada de consciência, de retroalimentação de seu fazer e agir, seja na docência de cada um ou em sua área de atuação, seja na sua trajetória como pesquisador em formação. Cientes de uma missão cumprida, resta-nos a ventura de poder compartilhá-la com leitores/as Brasil afora.

REFERÊNCIAS

- CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista de Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- COSTA, V. H. C. Os processos mentais nas representações de homens e mulheres heterossexuais em anúncios pessoais eletrônicos. **Letras**, n. 50, p. 119-142, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148520207>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/20207>. Acesso em: 20 set 2022.
- FIDELIX NUNES, F.; VAN LEEUWEN, T.; BEZERRA LEITÃO, A.; FERRAZ, J. de A.; PINTO, L. N. Multimodalidade e identidade: entrevista com Theo van Leeuwen. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 23, n. 1, p. 174-182, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/les.v23i1.4304>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/43041>. Acesso em: 27 mar. 2023.
- FIGUEREDO, G. P. **Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro: contribuições para os estudos multilíngues**. 2011. 383 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. de. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, C; CABRAL, S.C. **Introdução à linguística sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Hoder Education, 2004.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience Through Meaning**. A Language-based Approach to Cognition. London: Continuum, 2006.

JN: Editorial sobre as 500mil mortes pela Covid. **G1**, 19 jun. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/19/jn-editorial-sobre-as-500-mil-mortes-pela-covid.ghtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

LISPECTOR, C. **A descoberta do Mundo**. Rocco: Rio de Janeiro, 1999.

PRAXEDES FILHO, P. H. L. Linguística Sistêmico-Funcional: Linguística Teórica ou Aplicada? **Linguagem em Foco**, v. 6, n. 1, 2014, p. 11-25. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1927>. Acesso em: 27 mar. 2023.

ROSE, D; MARTIN, J. R. **Learning to write, reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School**. Londres: Equinox, 2012.

SANTOS, Z. B. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **SOLETRAS**, n. 28, p. 164-181, jul-dez 2014. DOI: <https://doi.org/10.12957/soletras.2014.12994>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/12994>. Acesso em: 27 mar. 2023.

SILVA, F. M. C. da. **O professor homem na Educação Infantil de Fortaleza-CE: dilemas e estratégias de resistência**. 2021. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021

SIPPERT, L. Análise da estrutura temática em resenhas de alunos do Ensino Superior numa perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 34, n. 1, p. 113-147, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-445060295201399462>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/38990>. Acesso em: 20 set. 2022.

SOUZA, M, M de; MENDES, W. V. Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados. **Macábea**, v. 8, n. 2, p. 603-619, 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1957>. Acesso em: 20 mar. 2023.

SOUZA, M. M. **Transitividade e construção de sentido no gênero editorial**. 2006. 288f. Tese (Doutorado em linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

VENTURA, C. S. M.; LIMA-LOPES, R. E. O tema: caracterização e realização em português. **DIRECT Papers**, São Paulo, v. 47, p. 1-18, 2002.

Artigo recebido em: 30/06/2024

Artigo aprovado em: 04/11/2024

Artigo publicado em: 03/12/2024

COMO CITAR

SOUZA, M.; SILVA, A. G. da; CASTRO, E. C. de; SILVA, M. Reflexões teórico-práticas sobre vivências na pesquisa e no ensino de base funcionalista. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 13, p. 1-20, e02431, 2024.